

# A procura

Sessenta e seis ou sessenta e sete anos. Este tempo todo terá se passado desde que ela deixou Campos do Jordão e a casa da infância. O que ela guarda, na memória, são apenas fragmentos do passado, reminiscências. Talvez, sejam reconstruções, porque é preciso, cada um de nós, refazer a própria história.

Reencontrar esta casa poderia abrir algumas possibilidades. A visão da fachada, quem sabe, favoreceria refazer cenas, recolocar as pessoas naquele lugar mágico, lembrar-se de vozes e cheiros que povoaram aquele tempo.

A rua não tem as mesmas referências do passado, casas de madeira foram derrubadas em favor de outras de alvenaria, parte destas cederam lugar a pequenos prédios, outras foram redesenhadas para abrigar comércios.

A sensação pior foi a de não saber se, apenas, não foi possível localizar a rua e nela a casa, ou se aquela construção tão querida não existe mais. A primeira opção reforçaria sua sensação de que, cada vez, esquece mais das coisas; a segunda provocaria um grande sentimento de perda, de distância no tempo, pois foram tantos os anos passados, que não é mais possível ter o direito de rever aquele ambiente tão cheio de significados.

Nosso vai e vem pelas ruas à procura da casa, primeiro de carro, depois a pé, foi entrecortado pela repetição das mesmas frases, a cada momento ditas de uma forma:

*“Era uma rua que subia”. “Era perto da igreja”. “A gente ia ao cinema”. “Eu me lembro bem! a casa tinha uma escadinha na frente”. “Não era tão longe da igreja”. “Nós temos foto na escadinha, cada filho num degrau”. “A rua era de pedrinhas”. “Acho que a igreja era no fim da rua, acima da nossa casa”. “A casa era grande, papai tinha posses, nossa casa era bonita”. “Era perto da praça”. “A gente subia, assim, a rua suba”. “A casa tinha janelas na frente”. “Meu irmão pulava a janela, à noite, escondido do papai e eu abria a porta para ele, quando chegava muito tarde”. “Papai era muito bravo”. “Tinha duas janelas e uma escadinha na frente da casa, era assim, com vários degraus”. “Não me lembro mais onde era. Não me lembro”. “Eu me lembro bem da escadinha”. “Tinha um muro”. “A casa era grande, morava muito gente na casa”. “Com mamãe doente, muita gente tinha que morar na casa, para cuidar de nós”.*

Já havia um cansaço entre nós, no entra e sai das ruas à procura da casa e ela começou a se conformar:

*“Não faz mal, que não encontramos a casa, pelo menos a gente procurou”.*

O cansaço não era de procurar, mas de não encontrar.

Por que não fizemos um mapa com a localização da casa, quando aqui estivemos em 1986? Por que não congelaram a paisagem urbana, em favor deste encontro – ela e a casa? Por que não lhe foi dada a chance de rever tudo, de buscar os fragmentos do passado? Por que não houve a oportunidade de chorar, lembrando-se de tudo?

Voltamos quietos para o carro, pois qualquer palavra poderia ser a leve pena que faltava para voltar nas mesmas dúvidas, nas mesmas frases, na mesma consciência/inconsciência

sobre o passado/presente.

Ao entrarmos no carro, ela decidiu refazer o passado, falar sobre o que sempre fez falta, enunciar cenas que nunca ocorreram, preencher o vazio do não encontro no presente, com o desejo do que ela nunca pôde viver no passado.

Sua mãe era tuberculosa, as crianças da casa – os cinco filhos e as duas sobrinhas – só podiam pedir-lhe a benção de vez em quando. Esta era uma doença maldita, supunha-se que era contagiosa, por isso os encontros eram raros, sem beijos, sem abraços, sem carinho, sempre seguidos de esterilização com o álcool. O quarto da mãe era no fundo, cotidianamente ninguém entrava lá, mas mesmo, assim, para preencher o vazio da casa não encontrada, ela disse:

*“Mamãe tinha cabelos compridos. Todo dia eu penteava os cabelos dela. Os cabelos da mamãe eram muito lisos. Muito lisos”.*

Assim, ela pôs ponto final na procura da casa.

Carminha Beltrão  
Dezembro de 2014